

Letrário**editora*

Poème à Trois

Tiago Nené

Julho 2008



Um conto de Tiago Nené,
sendo certo que qualquer semelhança com a realidade
não é pura coincidência.

[Ao escritor Luís Ene, grande contista e micronarrador português.]

I. Prelúdio

[Na mesa redonda João Guedes, Daniel Alfredo e Francisco Aresta tentam escrever um poema a três mãos.]

- Quem escreve o primeiro verso?
- Posso ser eu!
- Não, tu não és perfeito nos primeiros versos.
- Talvez tu, que te parece?
- Não quero ter essa responsabilidade.
- Então talvez eu possa começar.
- Começa então.
- Mas agora?
- Agora sim, porque não?
- Se comesas agora, tenho de te seguir...

– E eu também, não se esqueçam de mim!

– Contigo não nos preocupamos.

– Porquê?

– Porque tu não sabes escrever!

[Em tom sarcástico.] – Se não sei escrever como vou escrever?

– Escreves só alguns versos no meio sem influência no que há para dizer, no núcleo duro disto, percebes?

– Sim, concordo com o ponto de vista dele, é bom termos os teus versos sem conteúdo no nosso poema, para dispersar um pouco. Podes até pôr um casal a fazer amor como tanto gostas, entendes? As pessoas vão pensar que a verdadeira arte está no contraste entre os nossos versos, aqueles que são o verdadeiro objecto de estudo e dignos disso mesmo, e o teu casal a foder! Os críticos adoram estas coisas, é arte contemporânea!

– Mas vocês têm alguma coisa contra as quecas que utilizo na minha obra? Vocês acham que por lerem a merda do William Fóquer já são gente grande, é?

– William Faulkner, é William Faulkner!

– E o que é que eu disse?!

[Silêncio total.]

II. A definição da palavra “grupo”

[Passados 20 minutos.]

- Vocês vão-me explicar o que há para dizer neste poema antes que eu saia de mim mesmo?
- Tu és tolo.
- Sim, achamos-te muito tolo, Francisco Aresta, e brejeiro também.
- Como? Porquê?
- Porque laboras num erro, meu caro.
- Que erro? Que erro, pá?
- Que erro, perguntas tu?
- Sim, que erro? Quem és tu para me dizer que não sei escrever? Quem és tu para me dizeres o que fazer?
- Francisco....
- Francisco o caralho, pá! Deslarguem-me!

- Ouve o que te dizemos.
 - Vá, digam lá, suas santas santidades, suas figurinhas de cordel que não escrevem um caracol!
 - Esqueces-te de que não se diz nada num poema.
 - Ai não?!
 - O poema, esse, é que fala connosco, Francisco.
 - Um poema está sempre “escrito” quando é escrito.
 - Não conheces a teoria da reminiscência de Platão?
 - Reminis-quê? Eu quero é que vocês vão para o caralho mais a merda do vosso poema e das vossas teorias, ouviram? Nem sei como passei tanto tempo neste grupo literário onde só eu contribuí com ideias que elevaram o nível de cultura da região e do País!
- Francisco Aresta muda de cor.
- Quem é que ganhou a medalha do presidente da câmara? Foram vocês? Eu tenho muitos anos disto, pá! E vocês a mim não me ensinam nada! A mim ninguém me ensina nada! Fui eu que vos levei a Espanha, pá!
 - Se eu fosse a ti não diria isso.

- Sim, não digas isso, Francisco, o poema pode ouvir-te e gravar esta conversa para que a transcrevamos em que cada verso, e aí só temos de lhe obedecer. Lembra-se sempre de Platão.
- É que um poema é como um búzio, Francisco.
- Já vos disse que quero mais é que o poema se foda, e vocês vão ver o que eu vou dizer de vocês os dois quando ganhar o Nobel, vocês vão ver! Ai não, se não vão!
- Se falas assim conosco teremos de te pedir que abandones o grupo, Francisco.
- HA HA HA, deixem-me rir. Vocês a expulsarem-se do grupo? Vocês não me expulsam do grupo. Sabem porquê?
- Porquê, Francisco?
- Porque o grupo sou eu!
- O grupo é a maioria, Francisco. Neste caso, dois formam a maioria.
- Ele tem razão, Francisco, e além disso como é que uma pessoa sozinha pode ser um grupo?

III. A queda dum anjo

Francisco Aresta cai no ilogismo, perde a razão, perde “tudo”, e algumas lágrimas caem por vontade própria. Francisco sente o coração apertado, na sua mente vê *slides* a passar a um ritmo cada vez mais acelerado e com um fundo de várias cores frouxas, o que ainda o entristece mais. Num deles vê um brinde entre estes três “amigos” de idades diferentes e que selava a criação de uma nova força cultural na região, o que, pensava ele na altura, lhe podia trazer, a ele, Francisco, grandes contactos, bem como as portas abertas de todas as grandes editoras, não só em Portugal como no mundo. Por outro lado, Francisco já se imaginava a dar entrevistas nos *media* onde poderia criticar todos os autores com que não simpatizava e, principalmente, alguns editores que tinham recusado no passado os seus manuscritos.

Francisco Aresta abandona a sala para sempre. Não olha nem uma só vez para trás.

IV. A Norma

Aquele pequeno grupo literário permanece com João Guedes e Daniel Alfredo. No fundo eles tinham razão. Duas pessoas, a bem ou a mal, sempre formam um grupo.

Contudo, volvidos cinco anos, decidem separar-se, depois de terem organizado alguns eventos interessantes, com destaque para o *Primeiro Concurso de Leituras de Poesia do Algarve*.

Mas, a bem dizer, não havia saída. A torneira do grupo fechou, uma vez que mais ninguém se lhes juntou, e a ausência de quaisquer segredos entre ambos, ainda que mínimos, fez a relação explodir. No fundo descobriram que eram iguais, a mesma pessoa, e isso já os irritava. Creio até que se tinham chegado a amar, sem que, contudo, tivessem dado por isso.

Antes do ponto final no grupo, que decorreu amigavelmente, podemos afirmá-lo seguramente, Alfredo Daniel ainda esmurrou João Guedes, depois de aquele ter descoberto poesia no computador deste, num dia em que aquele jantou em sua casa, poesia essa que fugia à Norma que ambos tinham instituído, e que se enquadrava num género experimental enquanto “peças puras de teoria da literatura”, no dizer de ambos, e “poesia de merda”, no dizer do então “saudoso” Francisco Aresta. Já os poemas encontrados, e de pronto apagados por Alfredo, tinham influências de Eugénio de Andrade e de Florbela Espanca. E se Eugénio de Andrade ainda passou, já Florbela Espanca insuflou a ira de Alfredo Daniel.

– Florbela Espanca, meu monte merda? Florbela Espanca?! Eu espanco-te é a ti, meu grande filho da puta!!!
Ouviam os vizinhos, assustados, depois relatando a Pedro Rosário, o senhor agente da PSP no local, o que tinham entendido acerca do sucedido.

Dias mais tarde, depois de João Guedes ter alta hospitalar, um procurou o outro, não interessa quem a quem, e conversaram, ambos concordando que a culpa de toda aquela lamentável poesia fora de Soraia Goreti, por quem Guedes se apaixonara perdida e secretamente.

– Ou ela ou eu, sabes disso não sabes? Ou aquela delambida ou o nosso grupo! – Disse retoricamente Alfredo a Guedes. .

Posto isso, ambos se abraçaram, e a amizade venceu aquela que seria a última batalha que travava, embora ambos o desconhecessem. Seguiram para casa de Guedes, sentaram-se em cima de sua cama, estimularam-se poeticamente com Gonçalo M. Tavares e alguns formalistas russos. Seguiram, claro está, a Norma, agora tacitamente reposta.

V. Luís XVI ainda mexe depois de guilhotinado

Quanto a Francisco Aresta, porque seria injusto esquecê-lo, consta que abandonou Portugal logo após o “conflito da mesa-redonda”, tendo fixado residência no sul de Espanha, tendo-se inclusive naturalizado, apesar de muitas vezes ter sido visto na zona de Lisboa. “*Yo soy el nuevo Saramago*”, costumava dizer, de viva voz, nos cafés que frequentava.

Aresta lançou dois livros de poesia em pequenas editoras, cujos custos foram integralmente suportados pelo *ayuntamiento* local, tendo sido plagiado, ou não – não se chegou a saber –, o último deles, por uma autora brasileira muito conhecida em todo o mundo.

Deixou de escrever há cinco anos e com o dinheiro da reforma da mulher tem visitado o nosso Algarve, nunca tendo todavia encontrado Daniel Alfredo nem João Guedes. Numa dessas vezes assediou e fez não-sei-mais-o-quê a uma menina de quinze anos, o que motivou uma queixa no Ministério Público de Faro, por parte dos pais, dando origem a um processo-crime, arquivado posteriormente por falta de provas. Aresta ainda pensou que a cena pudesse agitar alguma imprensa e assim relançar a sua fraca carreira, mas tal não veio a suceder. Só o jornal *on-line Observatório do Algarve* fez uma breve menção a esta questão, esquecida quase na hora.

Por maioria de razão, e escusado será dizê-lo: Francisco Aresta não ganhou o Nobel.

Fim



Letrário^{*} *editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letorario.pt/1_pt/900/9001.htm

+ 351 21 711 20 20

letorario@letorario.pt